

## IMPLICAÇÕES ÉTICAS NA ELABORAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS DA CRISE CLIMÁTICA EM UMA ESCOLA DE CANOAS/RS

## IMPLICACIONES ÉTICAS EN LA ELABORACIÓN DE EXPERIENCIAS DE LA CRISIS CLIMÁTICA EN UNA ESCUELA DE CANOAS/RS

## ETHICAL IMPLICATIONS IN THE FORMULATION OF CLIMATE CRISIS EXPERIENCES IN A CANOAS/RS SCHOOL

Recebido em: 24/09/2024

Aceito em: 20/11/2024

Publicado em: 28/12/2024

Cleverton Luis Freitas de Oliveira<sup>1</sup>  
Prefeitura Municipal de Canoas

**Resumo:** O objetivo deste artigo é partilhar reflexões sobre implicações éticas de atividades didáticas desenvolvidas no âmbito do projeto interdisciplinar Trajetórias, em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de Canoas/RS. O projeto tem o objetivo de promover a conscientização e elaboração de experiências vividas na crise climática global que enfrentamos. A necessidade de um projeto neste sentido foi percebida no retorno às aulas após as enchentes que devastaram esta e outras cidades do Rio Grande do Sul, afetando severamente a comunidade escolar. Em um primeiro momento, apresento o contexto da comunidade escolar no retorno pós-enchente. Em seguida, apresento as atividades didáticas desenvolvidas e proponho, com base em Santos (2017), reflexões sobre as implicações destas no âmbito da *ética dos princípios* e da *ética das relações*.

**Palavras-chave:** Ética; Crise climática; Experiência; Escola.

**Resumen:** El objetivo de este artículo es compartir reflexiones sobre las implicaciones éticas de las actividades didácticas desarrolladas en el ámbito del proyecto interdisciplinario Trayectorias, en una Escuela Primaria Municipal de Canoas/RS. El proyecto tiene como objetivo promover la conciencia y la elaboración de experiencias vividas en la crisis climática global que enfrentamos. La necesidad de un proyecto en este sentido se percibió al regresar a la escuela después de las inundaciones que devastaron esta y otras ciudades de Río Grande del Sur, afectando gravemente a la comunidad escolar. En primer lugar, presento el contexto de la comunidad escolar en el retorno después de la inundación. A continuación, presento las actividades didácticas desarrolladas y propongo, con base en Santos (2017), reflexiones sobre sus implicaciones en el ámbito de la *ética de principios* y la *ética de las relaciones*.

**Palabras-clave:** Ética; Crisis climática; Experiencia; Escuela.

**Abstract:** The purpose of this article is sharing thought on the ethical implications of didactic activities developed within the scope of the interdisciplinary project Trajectories, in a Municipal Elementary School in Canoas/RS. The project aims to promote awareness and elaboration on lived experiences in the global climate crisis we face. The need for a project in this sense was realized upon returning to school after the floods that devastated this and other cities in Rio Grande do Sul, severely affecting the school community. Firstly, I present the context of the school community in the post-flood return. Next, I present the didactic activities developed and I propose, based on Santos (2017), reflections on their implications within the scope of the *ethics of principles* and the *ethics of relationships*.

**Keyword:** Ethics; Climate crisis; Experience; School.

<sup>1</sup> Doutor em História pela UFRGS. Professor de Educação Básica II na Prefeitura Municipal de Canoas/RS. E-mail: cleverton.historia@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Nos primeiros dias do mês de maio de 2024, a cidade de Canoas foi devastada pela enchente histórica que atingiu o estado do Rio Grande Sul. Os rios da região atingiram níveis que nunca haviam sido registrados, levando ao rompimento de diques e inundações de grandes proporções em bairros populosos e, em alguns casos, cidades inteiras. A falta de investimentos públicos em sistemas de prevenção às cheias e de bombeamento da água piorou a situação. O desastre foi amplamente documentado pelos meios de comunicação e nossa intenção aqui não é explicar o fenômeno ou como e porque ele aconteceu.

A intenção deste texto é registrar e compartilhar reflexões sobre propostas didáticas elaboradas e desenvolvidas em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) localizada no bairro Harmonia, um dos que foram severamente atingidos na periferia de Canoas. O bairro foi formado pela ampliação do vizinho Mathias Velho, que também foi fortemente atingido pela enchente. Segundo o Censo populacional do IBGE de 2022, o bairro Harmonia tinha 34802 habitantes naquele ano, enquanto o bairro Mathias Velho era o mais populoso do município, com 43263 habitantes (IBGE, 2022).

Cabe pontuar que sou professor de História nos anos finais da escola em questão, atuando também nas disciplinas de Artes e Ensino Religioso em algumas turmas. A escola tem cerca de 500 alunos matriculados em turmas de 1º a 9º ano do ensino fundamental e na Educação de Jovens e Adultos. Dentre as EMEFs atingidas pela inundação, foi a primeira a retomar as atividades letivas, já no fim de junho. Naquele momento, muitas famílias da comunidade, professoras e outras trabalhadoras da escola ainda não haviam retornado às suas casas. As ruas, calçadas e praças do bairro tinham montes de entulhos retirados do interior das casas, e assim era também nos bairros vizinhos. Algumas ruas estavam parcial ou totalmente bloqueadas, outras seriamente danificadas. Aqueles que já haviam retornado para limpar as suas casas conviviam com o lixo acumulado, os ratos, o mau-cheiro e outros problemas ambientais decorrentes da enchente. Nas áreas de maior vulnerabilidade social, a limpeza das ruas demorou mais a acontecer, suscitando protestos da população.

IMAGEM 1 - FOTO DE PRAÇA PÚBLICA PRÓXIMA À ESCOLA COM LIXO ACUMULADO.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

IMAGEM 2 - FOTO DE COLCHÃO COM MENSAGEM DE PROTESTO EM MEIO AO LIXO ACUMULADO EM RUA DO BAIRRO DA ESCOLA.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.415>

ISSN: 2447-0244

IMAGEM 3 - FOTO DE RUA DO BAIRRO DA ESCOLA COM LIXO ACUMULADO DURANTE O PROCESSO DE LIMPEZA.



**Fonte:** Autoria do Aluno A, 9º ano. Acervo do autor, 2024.

No entorno da escola, a situação não era diferente. Inclusive no portão pelo qual os alunos acessavam a escola havia montes de entulhos, além do constante trânsito de máquinas e caminhões executando a limpeza das ruas. No interior, as portas e pisos de madeira das salas do primeiro andar estavam muito danificados e com mofo. Diversos espaços da escola abrigavam serviços de saúde e assistência social, aumentando a circulação de pessoas, carros e até caminhões dentro da escola e impedindo o uso de suas áreas externas.

O motivo da reabertura da escola cerca de um mês antes das demais que foram atingidas não foi esclarecido pela gestão municipal. A suspeita dos professores, entretanto, se confirmou quando o Diretor, que havia sido nomeado pelo prefeito sem consulta à comunidade, afastou-se do cargo com vistas a concorrer nas eleições de outubro para vereador. Até o momento em que este texto foi finalizado, em setembro de 2024, quase todas as portas e mobiliários foram substituídos, mas alguns vestígios da destruição ainda estão presentes e o espaço da escola segue sendo compartilhado com outros serviços de atendimento público.

## ELABORANDO EXPERIÊNCIAS DA CRISE CLIMÁTICA EM SALA DE AULA

As primeiras semanas letivas foram marcadas por atividades que visavam acolher e criar espaços de partilha das difíceis experiências vividas. Algumas ações foram propostas pela orientação escolar, outras individualmente por professoras e professores. Particularmente, eu busquei oportunizar espaços de partilha e acolhida de relatos evitando, contudo, forçar os alunos a falar ou mesmo pensar demais no tema traumático. Além dos relatos de vivências durante as enchentes, sentimentos e emoções como medo, angústia e ansiedade eram constantemente expressados por meio de desenhos, falas e atitudes.

IMAGEM 4 - DESENHO LIVRE DE ALUNA B, 6º ANO.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

IMAGEM 5 - DESENHO LIVRE DE ALUNA C, 7º ANO.

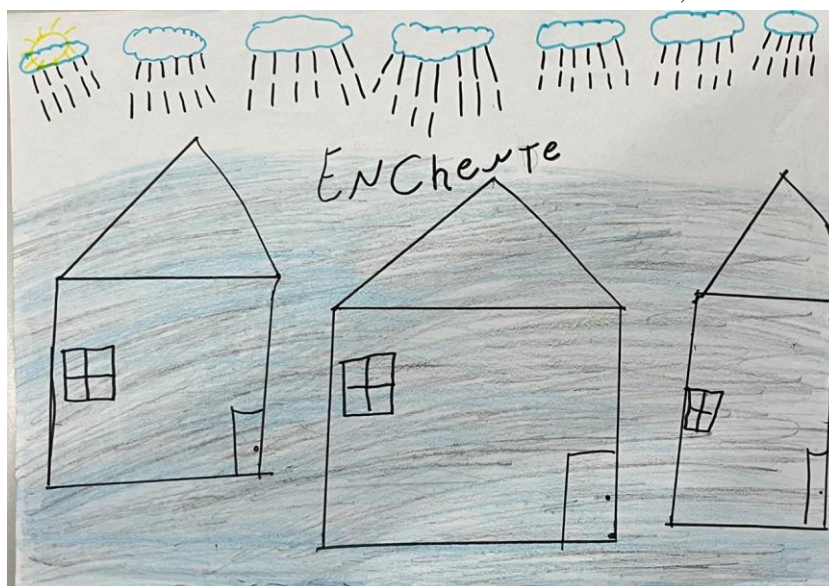


Fonte: Acervo do autor, 2024.

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.415>

ISSN: 2447-0244

IMAGEM 6 - DESENHO LIVRE DE ALUNA D, 6º ANO.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

IMAGEM 7 - DESENHO LIVRE DE ALUNO F, 6º ANO.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

Os desenhos acima são alguns dos que foram feitos pelos estudantes de 6º e 7º anos na semana em que retornamos às aulas na escola. Na atividade, orientei que produzissem um desenho com temática livre. Antes mesmo de desenhar, muitos estudantes partilhavam suas vivências traumáticas durante as enchentes, tema que apareceu de diversas formas nas obras.

O primeiro desenho (Imagem 4), feito pela aluna B (6º ano), tem como tema a ansiedade social. Note-se que a personagem ilustrada no centro da imagem repousa uma das mãos sobre o peito, na qual segura um objeto semelhante a um pincel atômico. Sua garganta e olhos estão avermelhados, e sobre sua garganta e boca há uma espécie de bloqueio, representados por

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.415>

ISSN: 2447-0244

marcações em X. Ao seu redor, muitos olhos grandes com as pupilas direcionadas a ela. O texto no canto superior direito dialoga diretamente com o desenho, expondo alguns dos sintomas da ansiedade social. Tendo sido elaborada em uma atividade de desenho livre, a obra demonstra a gritante necessidade sentida pela estudante de partilhar a angústia vivenciada durante e após a enchente. Durante a conversa anterior, entretanto, a autora do desenho não havia partilhado nem demonstrava sinais perceptíveis ao professor de estar em sofrimento. Note-se a importância da oferta de diversas formas de expressão para a elaboração coletiva de situações traumáticas. Além disso, cabe recordar que os estudantes em questão já vivenciaram os impactos sociais e psicológicos da pandemia de COVID-19 durante os primeiros anos de escolarização.

Na imagem 5, destaca-se o recurso a uma personagem infantil, mas com a expressão marcadamente entristecida. Em segundo plano, aparece a chuva que causou a enchente, como que explicando o motivo da tristeza da personagem. As referências à chuva aparecem também nos outros dois desenhos. O terceiro desenho (Imagem 6) combina as formas geométricas simples e os traços característicos de obras infantis com uma representação extremamente forte do trauma que é vivenciar alagamentos que, em muitas localidades, chegou a cobrir totalmente as casas. Note-se o contraste entre as muitas nuvens carregadas de chuva e o sol escondido entre elas. Igualmente simples e impactante é o título da obra, “enchente”, centralizado no desenho de forma que é a primeira coisa avistada por quem o observa.

O quarto desenho (Imagem 7) destaca uma representação das campanhas de solidariedade, que tiveram papel muito importante na reorganização das vidas dos estudantes e suas famílias. Com a mensagem de solidariedade marcada em seu centro, a bandeira do estado parece forte o suficiente para resistir à severa tempestade que a atinge. No canto superior esquerdo, a mensagem “ajuda alguém e tu é ajudado em 10x +” ratifica o sentido geral da obra, um agradecimento e um incentivo à solidariedade.

Em um segundo momento, em diálogo com colegas das áreas de Artes e Língua Portuguesa, percebemos a necessidade de uma abordagem coletiva para elaboração dos traumas. Sem a pretensão de desempenhar a função de profissionais da psicologia, elaboramos o “Projeto Trajetórias” com o objetivo de potencializar a reflexão crítica do ocorrido e sua elaboração por meio de produções artísticas e textuais. Nas aulas de Ensino Religioso, passei a tratar da crise climática que nosso planeta atravessa, de suas causas, consequências e possibilidades de enfrentamento. Este é um tema que costumo abordar na disciplina, pois considero que a consciência e a crítica das formas pelas quais a humanidade se relaciona com o restante da natureza sob o capitalismo tardio são relevantes para a formação humana e cidadã

a que se propõe a disciplina de Ensino Religioso em uma escola pública. Na conjuntura pós-enchentes, este tema se torna ainda mais urgente, visto que especialistas previam que um fenômeno nestas proporções seria esperado a cada 370 anos, mas as mudanças climáticas levaram a sua ocorrência há apenas 83 anos da enchente de 1941 (DW BRASIL, 2024).

Refletindo sobre pesquisas de Ciências Humanas, Luciano Santos (2017) identifica três níveis de implicações éticas nesta área: a *ética das normas*, baseada no cumprimento de códigos de conduta; a *ética de princípios*, que consiste na “(...) convicta adesão a princípios e valores inscritos na consciência” (SANTOS, 2017, p. 250); e a *ética de relação*, “(...) inspirada na disposição a deixar-se afetar e responsabilizar-se por outrem, com suas necessidades, exigências e limites únicos” (IBIDEM, p. 251). Neste sentido, o estudo da crise climática em sala de aula e de seus impactos nas vidas dos estudantes afirma-se como um princípio ético de uma educação que se propõe crítica. Sendo vítimas dos eventos extremos causados pela desestabilização do clima, os estudantes irão, inevitavelmente, entrar em contato com explicações mágicas destes fenômenos, não raro representando-os como uma punição divina. Trata-se, portanto, de um imperativo ético fornecer-lhes conhecimento cientificamente embasado para que possam, assim, identificar causas e responsabilidades políticas e econômicas sobre o que estão vivenciando.

Com uma das turmas de 9º ano, após estudar as causas da crise climática e suas relações com as enchentes, propus a escrita de um primeiro relato das experiências deles naquela conjuntura. Muitos escritos ressaltaram as relações entre as enchentes, a poluição, o desmatamento e o aquecimento do planeta. Quase todos manifestaram que a limpeza das ruas estava ocorrendo muito lentamente, o que causava mau-cheiro, infestações de ratos, riscos de acidentes e dificuldades na locomoção de suas casas até a escola. Alguns comentaram também sobre o frio intenso que fazia no período, tornando ainda mais difícil a limpeza das casas e a retomada de suas vidas. O mais forte dos relatos partilhou a indignação do estudante com as falhas da prefeitura na prevenção e mitigação dos efeitos do desastre, o que implicou no óbito de um parente seu durante os resgates. Abaixo, trechos de escritos de três estudantes de 9º ano sobre seus sentimentos naquele momento de retorno às aulas.

*Eu acordo todos os dias com muito frio, quando eu saio pela manhã, há muito frio e muitas coisas na rua. Da minha casa até a escola é muito frio e muito difícil, pois a prefeitura não está muito rápida com a limpeza das ruas. Tem um cheiro muito ruim de carniça, quando eu volto da escola tem caminhões trancando as ruas e não dando espaço para as pessoas passarem, eles espalham o lixo na rua e dificultam a passagem (ALUNA G, 9º ANO).*



*É muito difícil por conta do acúmulo de lixo na rua e o cheiro de entulho podre. Isso é perigoso por conta que, com o lixo espalhado nas ruas, pode ter risco de alguém se machucar e, com isso, ficar doente e pegar uma infecção (ALUNO H, 9º ANO).*

*A minha indignação é com o descaso da prefeitura sobre todo o fator climático, e a indignação da minha família me deixa triste. Como podemos viver se não temos a segurança de, ao menos, um aviso antecedente do desastre. O que foi feito sobre nós, e com nós, não tem explicação. E isso precisa ser cobrado (ALUNO I, 9º ANO).*

Com uma das turmas de 7º ano, tratei das implicações da produção e destino de lixo, do desmatamento e da poluição industrial para a crise climática. Iniciamos com uma conversa sobre estes três aspectos causais da crise, na qual os estudantes se mostraram bastante engajados e preocupados com relação ao futuro e as possibilidades de ocorrência de novas enchentes como aquela. No período até a próxima aula, os alunos foram convidados a pensar possibilidades de enfrentamento e/ou soluções para a crise climática. Dentre as respostas, apareceram principalmente a reciclagem e cuidados coletivos com a destinação do lixo e a substituição de matrizes energéticas para consumo residencial, meios de transporte e indústrias. Uma das estudantes (aluna J, 7º ano), entretanto, pontuou que as soluções apresentadas não seriam suficientes, pois o verdadeiro problema está na obstinada busca pelo lucro que é o cerne do sistema capitalista.

Para aproximar a crítica desta menina aos colegas de turma, recorri ao vídeo “A história das coisas”, de Annie Leonard (2007). Enquanto assistimos, em pausas, e depois, quando o vídeo acabou, conversei com os alunos sobre o que entendiam e esclareci dúvidas. Nos diálogos, as relações entre desmatamento, poluição, consumismo, produção de lixo, a crise climática e as enchentes de maio de 2024 foram sendo estabelecidas pelos alunos e por mim.

Em determinado momento, a aluna K (7º ano) expressou que estava se sentindo triste por estar lembrando constantemente das enchentes e de todas as consequências que estas tiveram em sua vida. Por mais que os temas das aulas fossem mais amplos, tratando sobre a crise climática, suas causas e consequências, de fato os diálogos sempre nos levavam a tratar das enchentes. No começo, como mencionei, os estudantes demonstraram interesse e mesmo uma necessidade de falar sobre o tema, mesmo em momentos nos quais ele não era o foco das aulas. Naquela semana e na seguinte, entretanto, fui percebendo que a exaustão em tratar do assunto que foi manifestada por aquela aluna era comum também a outras turmas. Por isso, decidi reorientar os planejamentos das aulas de ensino religioso para outros tópicos, pretendendo retomar o estudo da crise climática em outro momento, focando principalmente nas contribuições de pessoas e povos indígenas para a construção de possibilidades de sua superação.

Retomando a reflexão sobre os níveis da ética apontados por Santos (2017), compreendo que esta escuta sensível dos limites dos alunos ao tratar de temas traumáticos e a pronta reorientação dos planejamentos docentes configuram-se como atitudes éticas no campo das relações. Neste sentido, um princípio ético havia me levado a elaborar uma crítica da crise climática em sala de aula e buscar desenvolver, com os alunos, a consciência de si enquanto sujeitos vítimas da injustiça ambiental que perpassa esta crise, como define Henri Acselrad (2009). Naquele momento, entretanto, este princípio ético era confrontado por “(...) necessidades, exigências e limites únicos (...)” (SANTOS, 2017, p. 251) dos estudantes vítimas das enchentes no contexto de crise climática. Deste conflito, decorreu uma acomodação entre o princípio e a relação: a pausa nos estudos sobre o tema.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “projeto trajetórias”, no entanto, não acabou. Seu título, aliás, aponta para essa necessidade constante de pensar sobre os caminhos percorridos e projetar as trilhas futuras, sempre cuidando para que a reflexão sobre a prática não viesse a reforçar o trauma. Ao contrário, acredito que a crítica e o desenvolvimento da consciência sobre a crise climática precisam ocupar um espaço na escola de forma a evitar a culpabilização das vítimas e orientar caminhos de sua superação, por mais difíceis que estes nos pareçam. No contexto em que os estudantes da escola em questão vivem, e na verdade no contexto de crise climática que nos afeta a todos e todas, é tão urgente e necessário quanto desafiador não ceder ao pessimismo, alimentar as esperanças e vislumbrar possibilidades de construção coletiva de um mundo justo e sustentável para todas e todos.

No momento em que concluo este breve texto, volto a abordar o tema com algumas turmas, estudando as causas das queimadas e consequentes fumaças que afetam severamente nosso país e passando também a conhecer e ouvir povos indígenas e movimentos sociais que há muito enfrentam grupos interessados em promover o desmatamento, as queimadas e outras atividades econômicas predatórias. Estamos também retomando escritos feitos anteriormente para elaborar melhor as memórias a partir do presente. Sob a inspiração das lutas por justiça ambiental e da empatia que os jovens carregam consigo, estamos ousando ter esperança e até, quem sabe, chegar a sonhar com um futuro de equidade.

## REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. MELLO, Cecília Campello Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. **O que é Justiça Ambiental?** Rio de Janeiro: editora Garamond, 2009.

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.415>

ISSN: 2447-0244

DW Brasil. **Crise climática: até onde vamos aguentar?** Vídeo no canal “DW Brasil” no YouTube. Publicado em 26 de agosto de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YCEUCBw24sU&t=542s>. Acesso 8 set de 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo populacional de 2022 - dados do município de Canoas/RS.** *apud* Brasil de Fato - Coluna Observatório das Metrôpoles. **Canoas no censo de 2022: população e domicílios dos bairros.** Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2024/04/03/canoas-no-censo-2022-populacao-e-domicilios-dos-bairros>. Acesso 30 ago de 2024.

LEONARD, Anne. **A História das coisas.** Vídeo no canal “The Story of Stuff Project” no YouTube. Publicado em 22 de abril de 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9GorqroigqM>. Acesso 10 set de 2024.

SANTOS, Luciano. Da competência no fazer à responsabilização no agir: ética e pesquisa em Ciências Humanas. **Práxis Educativa.** Ponta Grossa/PR, v. 12, n. 1, jan./abr. 2017, p. 244-256. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso 10 set de 2024.